

LITTERATURA

O CADERNO VERDE

(Conclusão)

V

Quiz o acaso que Ricardo tivesse um amigo em Rennes, aul de Kérouan, seu ex-collega da eschola de direito, que hospedou.

Apresentou-lhe Raul o marquez Leonel de Châteauevieux; a sobremesa de um jantar de caça, o corretor achou meio de insultar e bater-se em duello com o amante provel de sua mulher. O marquez foi ferido no hombro direito.

De volta a Paris durante a noite, Ricardo descansou algumas horas, e, sem vêr a mulher, sem ao menos se informar da sua saude, sahiu e só voltou para jantar.

—Finalmente! disse Edith vendo Ricardo. Quatro dias ausencia! Confesso-lhe que já me ia inquietando... Foi da a viagem?

—Excelente; melhor do que eu pensava. Precisava dar ma lição a alguém.

—Uma lição?

—O Sr. de Châteauevieux tem agora vagar para reflectir sobre o inconveniente das conquistas; não as tentará durante algum tempo... batemo-nos em duello...

—Bateu-se em duello com o Sr. de Châteauevieux? Fe-u-o?

—Oh! descance; feri-o, é certo; não tanto quanto dese-va... mas hei-de voltar á carga.

—Este gracejo, que nada tem de divertido, tem durado emais...

—A quem o diz a senhora?

—Da primeira vez o meu orgulho espesinhado recuou ante de uma justificação que julguei pueril; é preciso, porém, pôr termo a isto.

—Seria melhor que não tivesse tido começo.

—Leonel de Châteauevieux é o producto de uma imagi-ção de moça. Nunca existiu.

—Ah! disse o corretor, lançando a mulher um olhar de desprezo, a traição ainda se perdôa!... mas a mentira!...

—Ouça-me! Quero que me ouça! replicou Edith com voz que impunha atteugão e respeito. Eu e Clara lemos um invento um velho romance de cavallaria... ainda o tenho, posso mostra-lh'o.

—E' inutil... Isso é uma justificação estudada...

—O héroe chamava-se marquez Leonel de Châteauevieux, roseguiu a moça; seduziu-nos esse nome; parecia-nos que comportava todas as qualidades do nobre e do galan... —Do galan priucipalmente... E esses encontros na igreja, baile? perguntou Ricardo; esses passeios a sós, esse desprezo da opinião?

—Desde que fazíamos um romance, era necessario crear ctos, inventar uma acção...

—E concluido esse romance, começou outro: o marido ganadno. Parece que é devidamente essa a sua vocação!

—Ricardo! disse Edith.

—Mas quem pensa então que sou eu? exclamou o cor-rtor. Como! imagina, precisa, descreve um ente imagi-ario em todas as particularidades da sua pessoa; essa timera faz-me sombra, procuro-a, e encontro-a em carne osso, tal como fóra debuxada... e ainda pretende levar á conta do acaso todas essas coincidencias?

—Não pretendo cousa alguma; digo a verdade.

—Digá tambem que não é Edith, que eu não sou Ri-ardo, que não somos casados, que eu não chego da Brenha, que não nos batemos em duello, que não o feri?

Ricardo fallava com tanta energia que impunha a con-ecção.

—Vejo disse Edith, que se bateu por minha causa.

—Pela minha honra, senhora.

—E pela minha: as duas fazem uma só.

—Infelizmente.

E com voz enternecida, tomou docemente a mão de Ricardo:

—O que seria de mim, si tivesses succumbido nesse uello sem causa?

—Ficaria viuva, respondeu singelamente Ricardo; ha mulheres que não maldizem esse estado, pelo contrario.

—Sabes o que merecias por essas más palavras?... Mas onhamos de parte as discussões.

Edith desapareceu um instante; depois, graciosa, lepidá, pressada co'no alguém que traz a felicidade, voltou com um livro na mão.

—Olha, disse ella, cá está o volume que já me custou tantas lagrimas. E' de Honorato d'Urfé, 1647... Deixa-me procurar o nome do marquez.

—Não é preciso... creio nas tuas palavras.

Todavia deixou a mulher folhear o empoeirado alfar-abio, e, quando esta lhe poz debaixo dos olhos o corpo de lelicto, apezar de desviar a cabeça, « como prova de con-fiança, » não lhe escapou uma letra sequer.

Ricardo estava absolutamente convencido? Não, talvez ainda não, mas a justificação caminhava; e naturalmente, egundas leis do equilibrio, no casamento como em dyna-mica, á medida que o accusador perdia terreno, ganhava-o a accusada.

—Ora vamos, faça as pazes comigo.

—Edith! minha Edith!

—Pensei que já tivesses esquecido o meu nome.

E a moça chegou aos labios de Ricardo a sua fronte radiante.

—Ouve, meu amigo, accrescentou a moça; agora que está concluida a paz quero eu accusar-me. Uma menina bem educada não deve encher á cabeça de frioleiras, e ainda menos dar-lhe as apparencias da realidade, archu-ando-as n'um caderno verde, a côr da esperança... Sim, mostrei-me desdenhosa, a taneira; sou culpada, bem cul-pada por ter deixado crescer as tuas suspeitas quando, com uma simple palavra, me era tão facil esclarecel-as...

—Não a culpa é minha, interrompeu Ricardo; um ma-

rido ciumento que se preocupava em ganhar dinheiro e não o coração de sua mulher...

E entre elles houve uma lucta de generosidades e de-ferencia.

Edith agitou o timpano e mandou pôr o carro.

—Ainda não é tudo, accrescentou; não foste exigente, mas quero apresentar outras provas muito mais decisivas.

—Não quero, declarou Ricardo... que pensava ao con-trario.

—Fazei o favor de acompanhar-me?

—Onde me levas?

—Vaes ver.

Era necessario obedecer, tanto mais que a obediencia nada tinha de duro.

Foi no Sagrado-Coração que o espirito do corrector se libertou inteiramente das duvidas que lhe restavam ainda.

A irmã Santa Agostinha mostrou-lhe uma serie de ca-dernos verdes, successivamente confiscados. O ultimo da-tava de 1868. Edith tinha então deseseis annos e exigia de seu heróe qualidades menos brilhantes, mas analogas ao genero de gloria que sonhava então.

Mais tarde acabára fazendo-o perfeito cavalheiro, o ir-re-sistivel vencedor que vimos figurar no ultimo caderno, o qual escapára á vigilancia das mestras.

Era isso que a irmã Santa Agostinha ia dizer e provar a Ricardo na noite em que recusou recebê-la.

Voltaram para casa felizes e contentes.

Mme. Bandouin esperava o sobrinho.

—Talvez ignore, disse-lhe ella, que sua senhora não ar-redou pé daqui durante sua ausencia.

—Minha tia, interrompeu severamente o corretor, pre-prepare-se, porque volta par a Cahors.

V. PERCEVAL

VARIEDADE

UM MERCADO ARABE

NAS FRONTEIRAS DO TELL

Nesta epoca de *vae-ven* geral, em que o fumo da locomotiva substituiu o fumo do lar domestico, toda a gente muda de lugar sem mesmo saber porque; mas poucos são os que viajam na accepção *esthetica* desta palavra. O que se chamava outr'ora um *viajante* isto é, um homem que consagrava tres quartas partes da vida em vêr por si mesmo, para instrucção e maior commodidade de seus semelhantes, esses paizes longinquos onde nos esperam perigos e desgraças de toda especie, e o resto do tempo a coordenar clara e logicamente as suas recordações, sob a forma de um volumoso in-quarto, não têm a menor relação com os nossos bellos touristes impressos; porque a metade inventa o que conta, ao passo que a outra passeia nos limites das regiões reputadas curiosas, e dogmatiza depois sobre os costumes e os habitantes de um paiz, do qual apenas conhece os edificios e os cafés.

Cada povo trahe a sua alma collectiva no momento em que a physionomia lhe revela as paixões congenias mais ardentes, no momento da lucta dos seus mais caros interesses. Assim, embora se disfarce em progressista, agiota, financeiro e politico, o hespanhol só é verdadeiro no amphitheatro dos touros; o inglez ás voltas com as suas agitações eleitoraes ou as alegrias ineffaveis que lhe proporciona qualquer *society* de temperança ou humanitaria; o turco acocorado n'uma esteira de café mouro entre as delicias do cachimbo e as scismas que lhe desperta o zangarrear de uma guzla; o arabe, finalmente, o mais sin caramente avido dos homens, no meio de um desses grandes mercados para onde, com o sol fulminador que nos mata e o faz viver, acodem, de sessenta, de oitenta, de cem leguas de distancia, todos os exem-plares da sua raça, guiados pela idéa commum de enriquecer enganando na *quantidade* e na *qualidade* da coisa vendida.

Assignalando aqui a avidez do arabe como traço predominante do seu caracter, não queremos negar-lhe as qualidades que acompanham esse vicio sem modifical-o. Assim, nada ha tão verdadeiro como a sua hospitalidade, que não parte do coração, mas de uma indiscutivel exigencia religiosa e orgulho nacional, tirante todavia as excepções oriundas de sentimentos que a nossa civilisação invejaria, mas que não se encontram, e ainda assim raramente, sinão em individualidades superiores á multidão pela alteza da intelligencia e posição.

O arabe agricultor ou pastor não conhece o com-mercio sedentario, e despresal-o-hia como uma occu-pação de ennuchos. Nas grandes e nas pequenas cidades da Algeria, os mercadores ou são judeus, esses *mercanti* do universo, ou Mezabites emigrados dessa região chamada o Meza, que começa nos oasis, cerca de oitenta leguas do *El Agoath*, e conta sete cidades onde não só a industria é considerada, mas

tambem onde a civilisação floresce á sombra das palmeiras, no limite dos grandes arraiaes desse for-midavel *Sahara*, cujo nome, lugubre como as suas infinitas vagas amarellas, quer dizer NADA.

Nos mercados do Tell propriamente dito, a mis-tura do colono europeu, em proporções consideraveis, diminue muito a feição nacional do arabe e o affeição mau grado seu, como o sangue branco absorveu o do negro entre os mestiços, como toda a civilisação ina-cuiada n'uma dose rasoavel na's veias da barbaria a transforma e augmenta. Mas quando se chega aos territorios militares das nossas possessões, onde o europeu não pôde facilmente agricultural, e n'uma zona muito restricta ainda, ao abrigo do canhão dos redutos, encontram-se *Emporium* que, em certos dias e em certas epochas do anno, tornam-se o ponto de reunião de individuos e tribus em tudo semelhantes aos pastores, filhos e netos de Israel.

E' quinta-feira. Eleva-se no ultimo plano do hori-sonte, com o seu systema de um bastião só mas altissimo (o que em fortificação se chama uma ca-misa), o reduto de Tiarete, uma das praças do Tell. O sol de julho não brilha; *escorre* e não fecunda; illumina e cega. Eis a principal função do sol da Africa. N'um valle accidentado se accumula, for-miga e vocifera uma multidão sumptuosamente enroupada de farrapos que fariam medo a Callot, e que se pôde avaliar em quinze mil pessoas. Uma caminhou duzentas leguas para vender cincoenta ca-mellos; outro andou uma semana inteira para trazer meio sacco de cevada, montado n'um jumento pel-lado, enfezado, impossivel, tocando adiante de si atravez do espaço interminavel duas ovelhas e tres cabras. Mas os pequenos regatos formam os grandes rios, e o numero dos animaes expostos á venda excede algumas vezes a dez ou doze mil; mas todo o gado está quiéto, amadorrado, espremido e aturdido por esse sob implacavel, pela sua vida miseravel de todos os dias, pela brutalidade feróz de seus donos.

Ha todavia um lado pittoresco: a feira dos cavalloes não porque subsista a lenda: o *Arabe e o seu corcel*, mas porque no meio de ignobeis sendeiros corco-veam e se escondem alguns animaes de jarretes de ferro, cujo olhar rutila como um reflexo da natureza africana, cujo pello scintilla como prata brunida.

Nas ladeiras que terminam o valle se agrupam todos os fornecedores especialistas da vida arabe, e affirmo que esses balcões terra a terra em nada se parecem com os armazens do *Sultão*, do *Propheta*, do *Crescente*, onde os judeus marroquinos, de Fez e de Tunis, vendem para o uso dos parisienses bugi-gangas do Oriente.

Cá está o mercador de leite, que para tornal-o mais saboroso, ao leite das vaccas mistura o das camellas; adiante, adiante. As aves que não comem sinão *terra secca*, apresentam aos consumidores pennas e arcabuço. Mais adiante estão os vendedores de pão de figos e tamaras seccas. Juncto dos comestiveis vêm-se os artificios da casquilhice: o grão para fazer *hennah* (vermelhão), a substancia do *kohel* (pó preto) cuja combinação serve para pintar o corpo das mulheres arabes que exageram deploravelmente a *caiação*.

(Continúa.)

MOSAICO

Annibal, o invencivel, foi subjugado pelas mu-lheres.

Hercules, vencedor de hydras e leões, ficou captivo aos pés de Omphale, rainha da Lydia.

Achilles, o heroe da Illiada, vestia-se de mulher só para estar com ellas nos soalheiros.

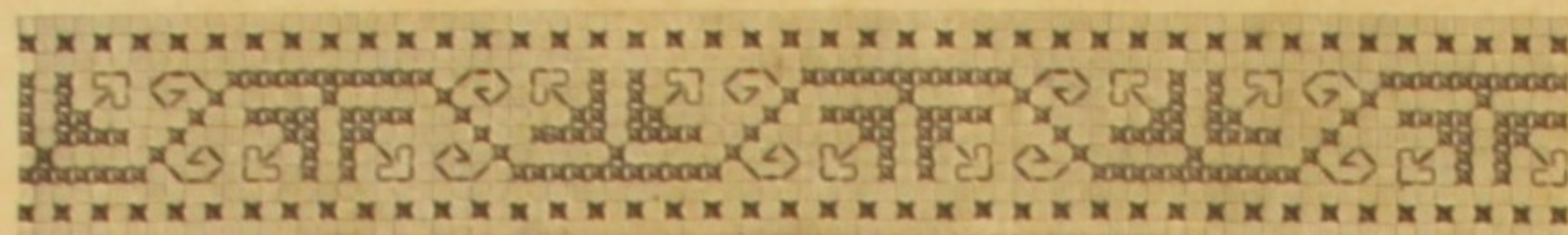
Samsão, o valente, ajoelhou perante Dalila.

Foi a pedido de Herodias que Herodes mandou degolar S. João Baptista.

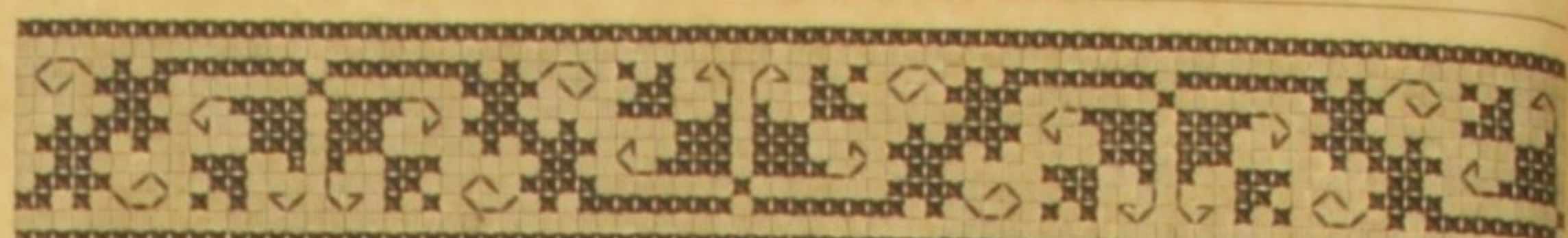
Salomão construiu setecentos quartos para sete-centas moabites e pelos amores de sua irman cau-sou as desditas de David.

Nino foi morto por ordem de Semiramis.

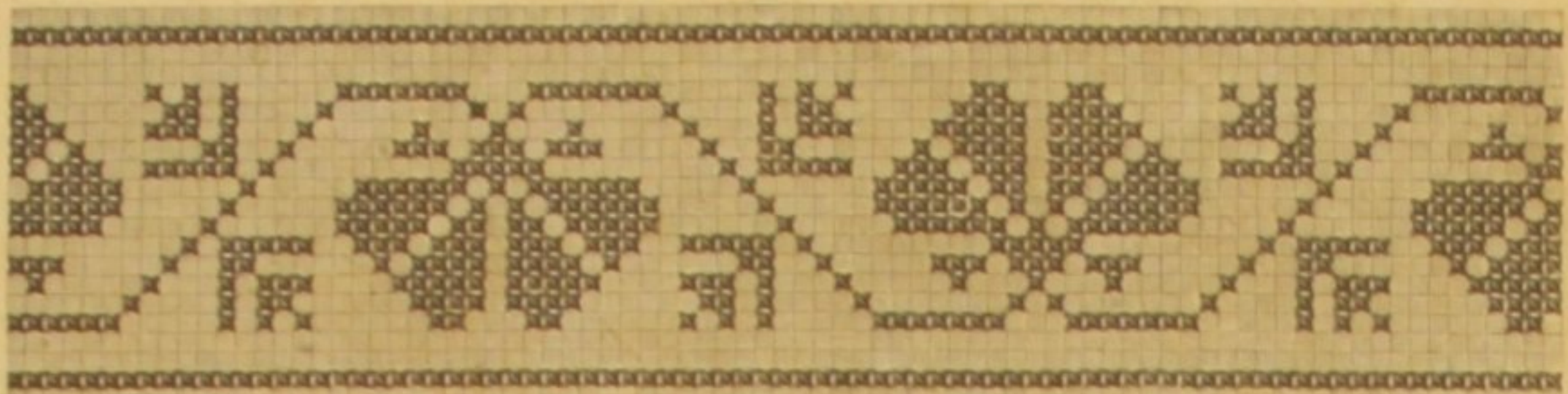
Ciumes de mulher dão fim ao imperio dos Godos.



15. Guarnição estreita.



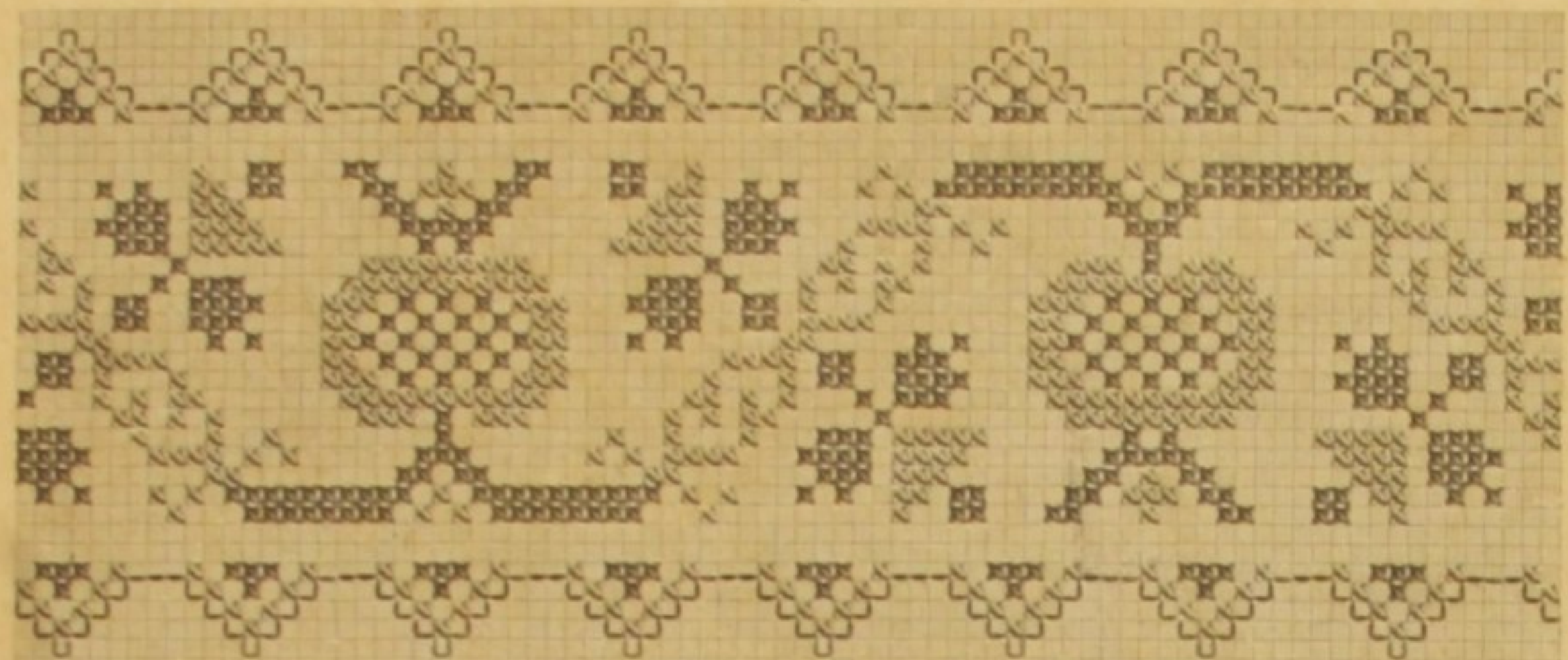
16. Guarnição estreita.



17. Guarnição estreita.



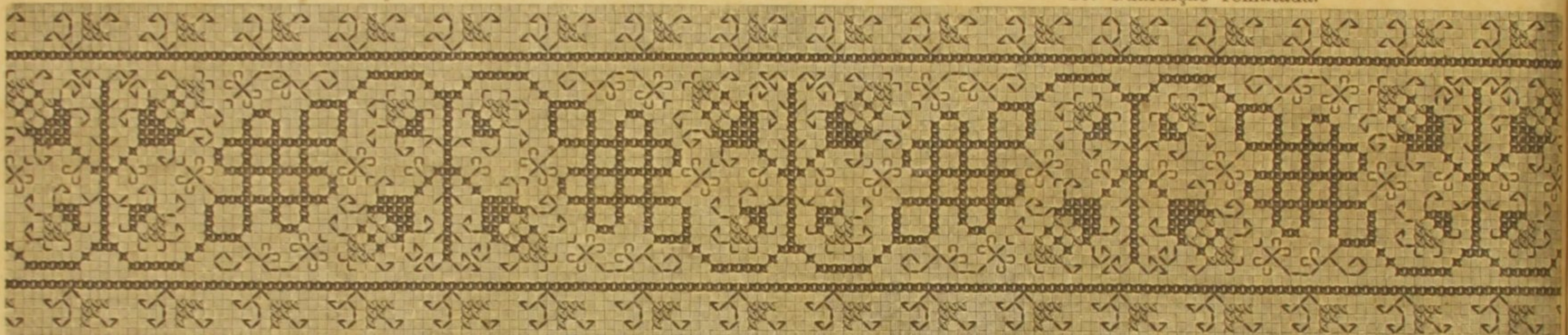
18. Guarnição estreita.



19. Guarnição rematada.



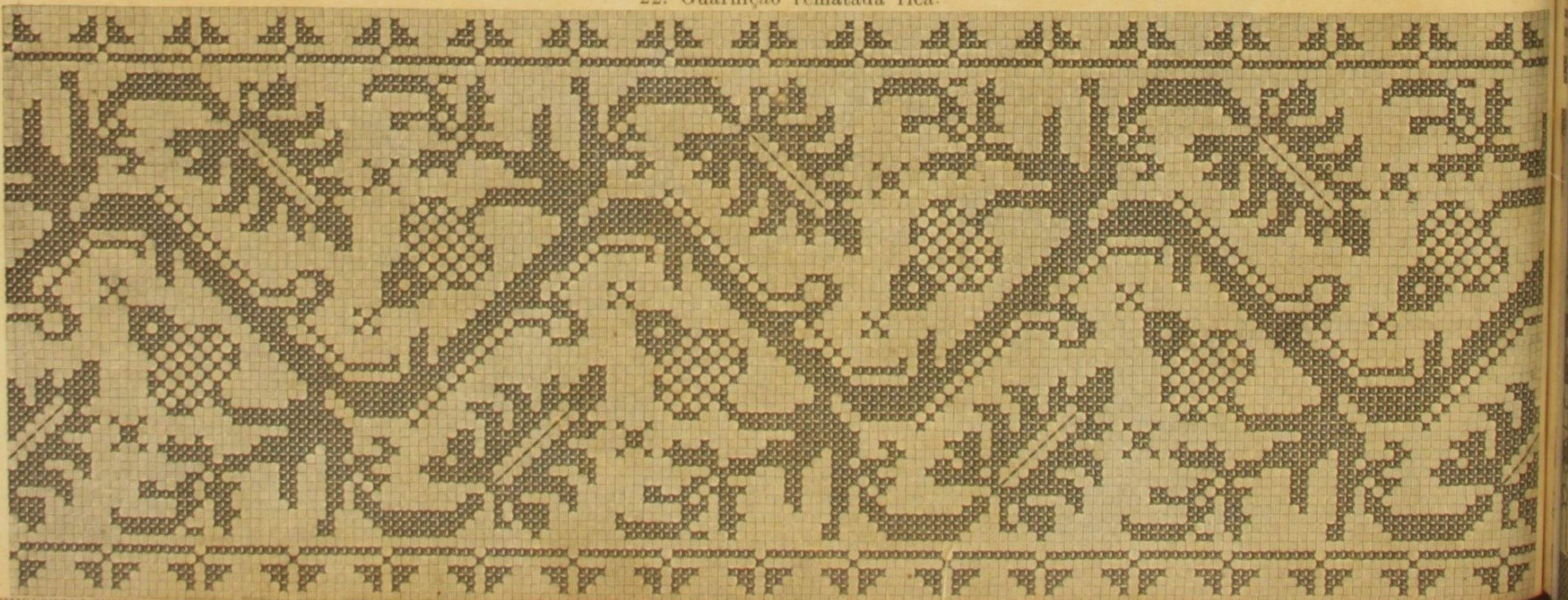
20. Guarnição rematada.

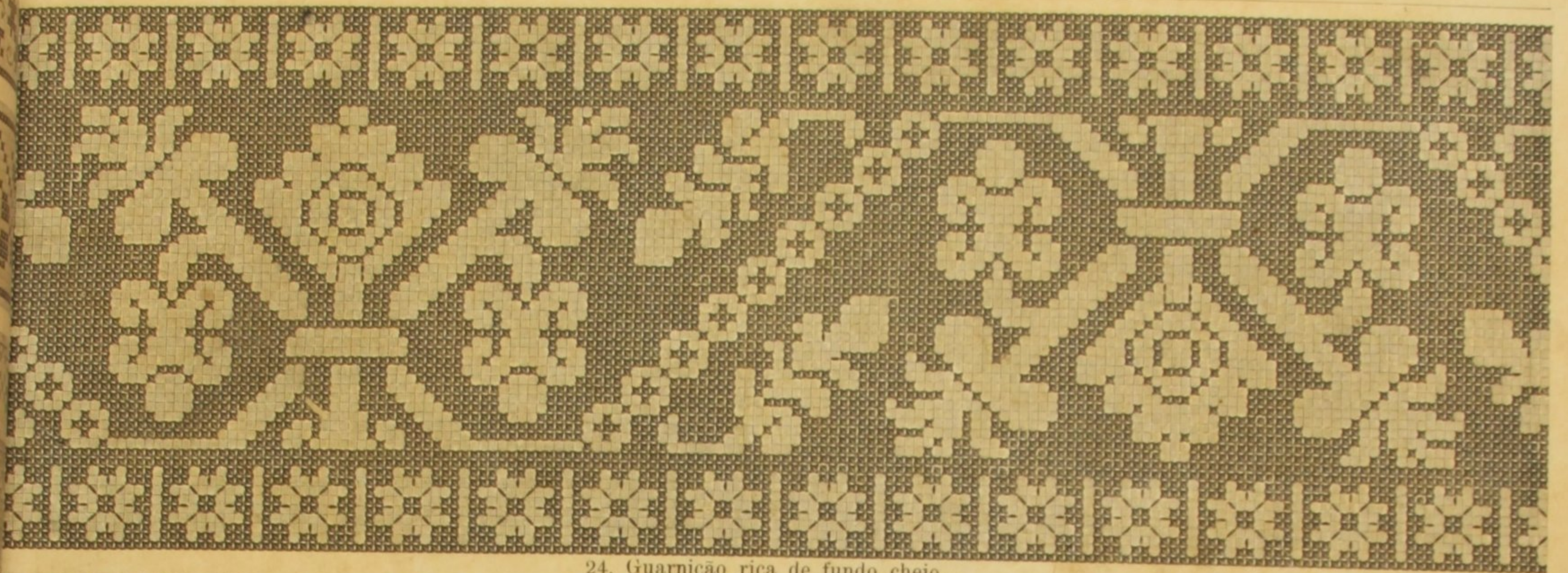


21. Guarnição rematada rica.

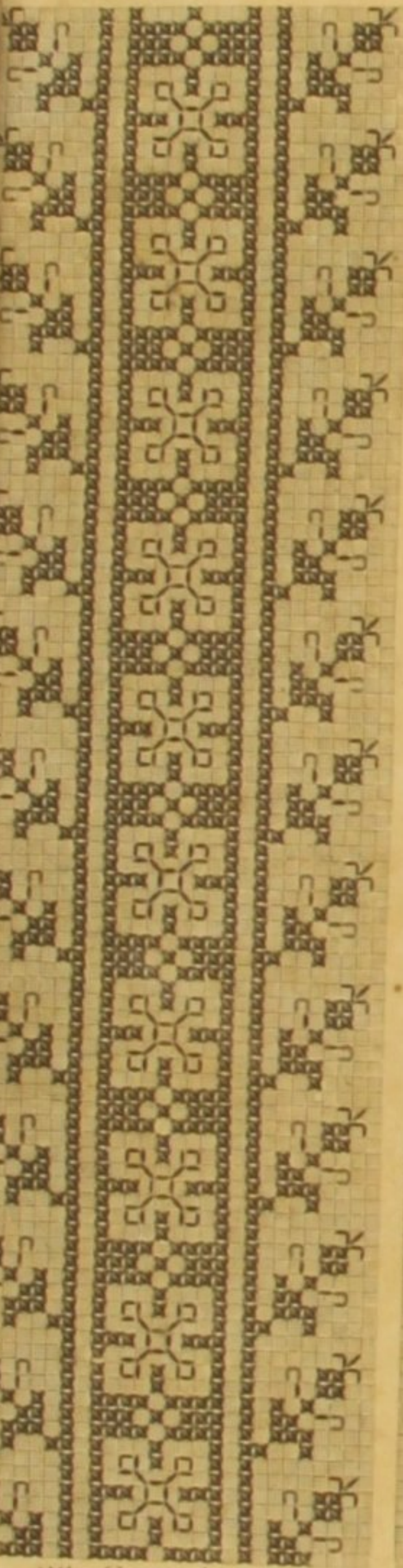


22. Guarnição rematada rica.

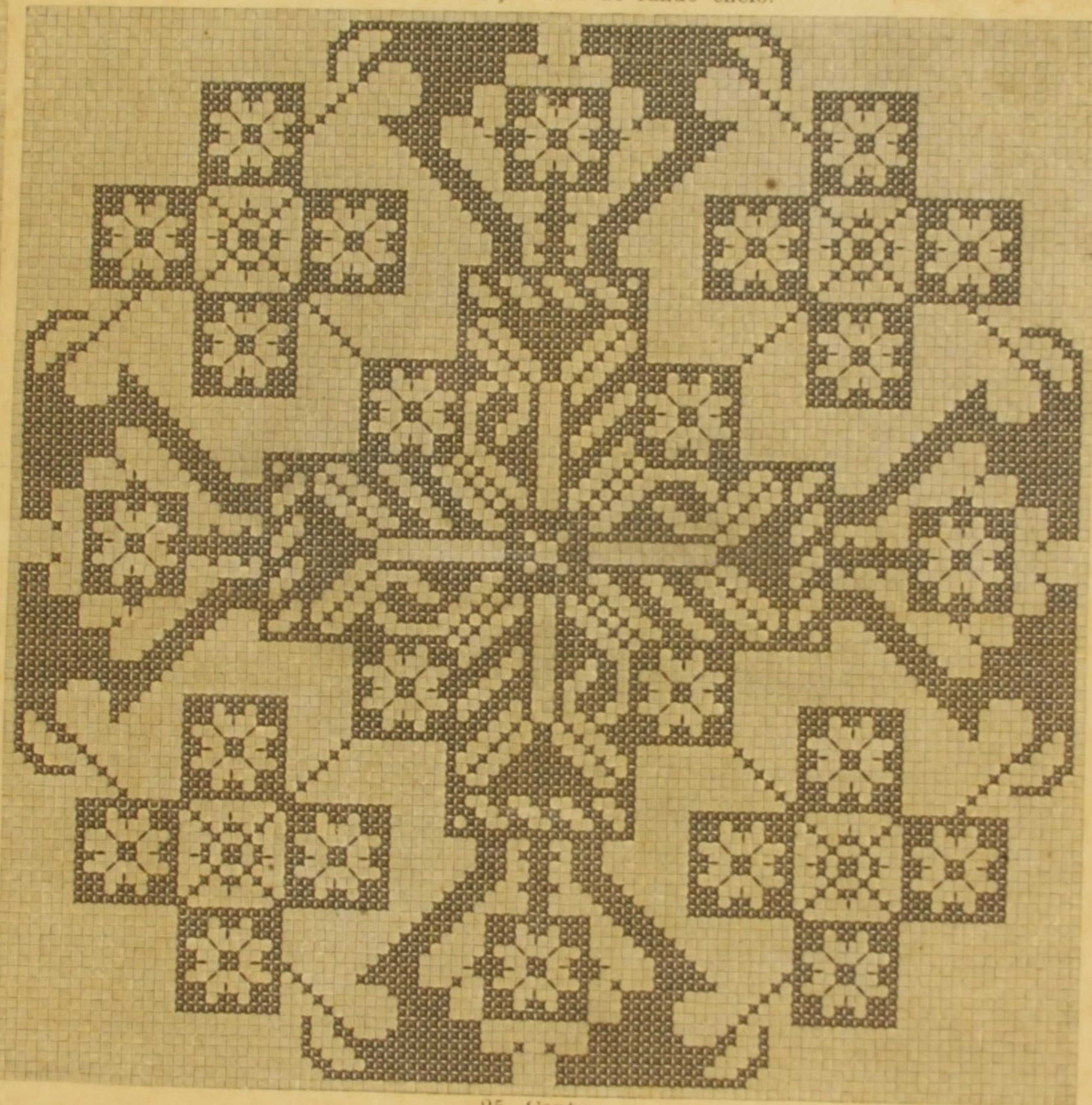




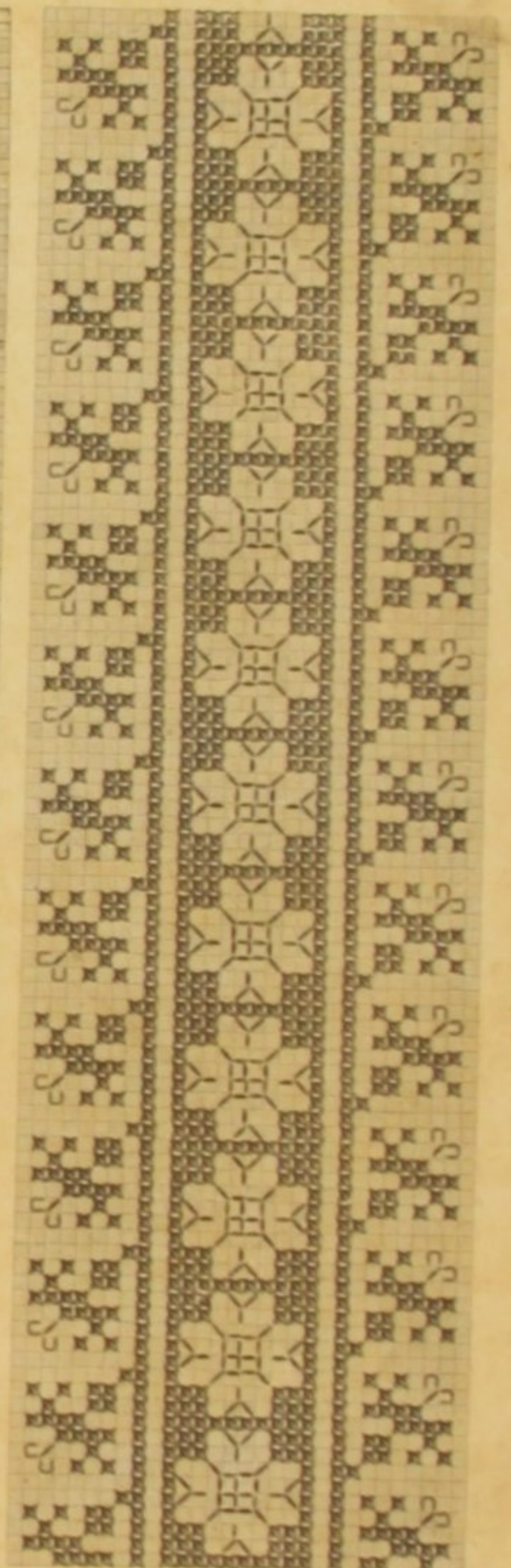
24. Guarnição rica de fundo cheio.



26. Guarnição.



25. Centro.



27. Guarnição.



28. Guarnição.



## A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 28 de Julho de 1881.

Pelo interesse que algumas despertam, havia já, parece, bastantes companhias theatraes no Rio de Janeiro; mas eis que nos volta do sul a companhia — Simões. E mais uma...

Ou uma de mais, o que é muito peor para ella. Onde ha lugar para tres, ha lugar para quatro, diz um adagio; mas onde já não ha para tres? . . . Em quanto não chega a companhia lyrica italiana, o publico contenta-se com a dramatica que tambem é italiana e não vai aos outros theatros, senão quando ha novidades.

A companhia Simões, que nos chega da roça, trouxe-nos, é certo uma novidade; mas uma novidade da roça. A *Esposa*, do Sr. Carlos Ferreira. E em que pese ao dramaturgo de Campinas, o seu drama não é nem tão fino, nem tão miúdo, como asseveram os seus annuncios. Atravez das scenas longas mal encadeadas, enfadonhas, d'um dialogo frouxo e desanimado que constituem os quatro actos da *Esposa*, transparece, é verdade uma ideia; mas uma ideia inaceitavel, perigosa mesmo se assim ousou exprimir-me, e, se, como parece, o Sr. Carlos Ferreira quiz estabelecer ou pelo menos advogar na sua peça o direito á esposa trahida de se vingar pela «pena de Talião.»

Não é precisamente, eu devo reconhecê-lo, o que se dá na *Esposa*, representada ultimamente no Lucinda; a vingança não chega a consummar-se; mas pouco falta para tanto, ou para tudo. Martha, a esposa de Paulo, trahida por este está disposta a fugir com um seductor, e só o não faz porque o auctor não o quiz ficar sem o personagem, encarregado de moralisar no fim do drama e mostram a sua vingança.

Como vêem, constituída como está a sociedade, é perigosa a these do dramaturgo festejado... em Campinas.

Aqui na cõrte, estamos talvez muito atrazados para acceitar tão de chofre ideias tão novas; mas é assim, cada terra com seu uso, e cumpre confessar que, mal habituados como estão alguns maridos fluminenses, a pena de Talião applicada aos conjuges redundaria n'um grave, n'um gravissimo abuso.

Ninguém mais do eu que comprehende e advoga uma reforma mais equitativa, que faça da mulher *l'égalé de l'homme*. Incumbidos de organisar a sociedade e de distribuir os direitos e deveres a cada sexo, os homens guardaram para si o melhor quinhão de direitos, consignando ao sexo fragil os mais peizados deveres. E' nobre reagir contra tanta injustiça e tanto egoismo dos homens; mas propôr a pena de Talião é neste caso duplicar os criminosos e sancionar os crimes, é, em vez de maridos traidores, ter esposos e as esposas infieis; e infelizmente a infidelidade, como todos os de mais delictos, não precisa ser acoroçada...

Pelo contrario!

Accrescentemos agora que o desempenho da peça foi mediocre; que apenas o Sr. Dias Braga dá algum relevo ao seu papel e... um ponto na linha outra ordem de idéas.

O tempo tendo concorrido com um bello céu azul, um sol resplandescente, ameigado pelas brisas frescas de julho, as corridas de domingo contam justamente como uma festa esplendida.

As corridas deviam entretanto parecer-se tedas, como os sinos de aldeia: dois cavallos que correm, que se esticam, que võem, que devoram o espaço com a rapidez do pensamento... Um que chega primeiro, como *Principe Alberto*, outro que chega em segundo lugar, como *Maravilha*... E' sempre a mesma cousa, sempre o mesmo espectáculo; mas os accessorios? mas a enscenação?

O que faz as bellas festas, é a bella concorrência; e eu nuca vi o Prado Fluminense tão elegantemente concorrido. O mundo chique, a *high-life* fluminense dera-se lá *rendez-vous* e ninguém faltou; os nossos *sportmen* mais em voga, as nossas *lady-like* mais elegantes, tudo estava

domingo no Prado Fluminense. Vistas de baixo, as archibancadas apresentavam o aspecto o mais recreativo; o bello sexo, o sexo feliz que tudo encanta e que encanta tudo, lá estava n'um concurso de toilettes de fazer a gente virar a cabeça e de virar a cabeça á gente. Eu pude perceber muita moça, antes de tudo:

A Sra. P. muita elegante na sua linda e rica toilette de de setim granada, corpinho da mesma cõr, guarnecido de franjas, decotado na frente e mangas de renda. Um chapéo do mesmo estoffo, guarnecido de flores escuras completava a sua toilette.

A Sra. M. J. de setim preto, á princeza enfeitado de vidrilhos da mesma cõr e chapéo realçado de setim granada.

As Sras. F. e R. sobressahiam entre as mais elegantes.

Bem notaveis ainda as tres irmans, vestidas das mesmas cores vivas, e com os seus bontes húngaros.

A Sra. M. bella e graciosa, attrahia todos os olhares pelo primor do seu rico vestido azul turqueza, corpinho decotado na frente, plissé á la vierge, cintura rendonda de setim vermelho, bouquet de cyclamens pallidos no seio e no chapéo.

D'entre as *ladies*, vimos ainda: a Sra. D. V., muito elegantemente de seda azul pallida, listada de verde-escuro, e chapéo a Maria Stuart.

Ao seu lado, a Sra. R., graciosamente vestida de chaly marron, corpinho afogado com laços da mesma cõr. Uma linda touca de velludo vermelho, realçado de fios dourados completavam a sua faceirice.

A condessa de E., n'um grave mas magnifico vestido de setim preto á princeza, com guarnições da mesma gravidade e chapéo de palha preta.

Um gracioso pormenor: no simples vestido preto que trajava uma das mais bellas entre as formosas, fazia grande effeito o seu monogramma de prata polida, preso do lado direito. Das tres letras que o compunham, retivemos duas M. e C., que bastam para deixar advinhal-a.

E quantas ainda, e quantas mais! Era um enxame de bellas, um concurso de chique, em que seria difficil ser juiz.

Perdia-se muito na *poule*; mas que importa o desespero da bolsa se os olhos tanto ganharam!

Voltando aos theatros, ou melhor indo ao S. Pedro de Alcantara que é o theatro hoje do bom tom, temos ora *Maria Antonieta* ora a *Dama das Camélias* em scena. Duas peças magnificas, mas tristes, angustiantes e que arrancam lagrimas ao mais empedernido dos corações.

Eu assistia hontem a representação da *Dama das Camélias*. Foi um bello espectáculo, vendo as scenas palpitantes do drama de Dumas, toda a sala chorava, e eu reflectia:

E' original como o amor nos torna infelizes, e como entretanto todos querem amar e ser amados!

D. JUNIOR.

## LIVRINHO DE FAMILIA

MASSA PARA POLIR AS UNHAS:—

Maguaesia . . . . . 10 grammos.  
Carmin em pó. . . . . 25 centig.  
Glycerina . . . . . 5 grammos.

Mistura-se tudo até que tome a consistencia de uma massa molle, na qual se passa a escova de unhas.

Esta composição dá ás unhas um bello polido.

MEIO DE TORNAR INOXYDAVEIS AS PENNAS D'AÇO.— Eis um meio bem simples de tornar inoxydaveis as pennas d'aço.

Basta pôl-as por espaço de meia hora n'uma dissolução de sulphato de cobre.

Enxugam-se de leve as pennas, que são postas a seccar.

Assim preparadas as pennas não se enferrujam.

NÃO É BOM FUMAR IMMEDIATAMENTE DEPOIS DAS REFEIÇÕES.— Um fumante, um verdadeiro fumante, ainda bem não acabou de comer e já está a accender o charuto, o cachimbo ou o cigarro.

Pernicioso habito! o tabaco paralyza as vias digestivas e retarda a digestão.

E' por conseguinte bom que haja um intervallo entre o momento em que se acabou de comer e o em que se entrega a gente ás doçuras do tabaco.

Aviso aos fumantes!

EMPREGO DO ALCATRÃO NAS FERIDAS REBELDES.— O alcatrão é um dos medicamentos mais efficazes contra essas feridas persistentes e de mau aspecto.

Estende-se o alcatrão n'uma tira de panno que se applica á ferida e que se renova todos os dias.

A inflamação começa por desaparecer e a cicatrização vem promptamente depois.

EMPREGO DO ALGODÃO NOS CÔRTEES.— Toda a gente sabe que a teia de aranha tem a propriedade de estancar o sangue, mas como ha poucas pessoas que conservam em suas casas esses insectos uteis, mais desagradaveis, julgamos dever indicar um meio simplicissimos para a substituir: é empregar o algodão Cardado.

E' erradamente que certas pessoas attribuem ao algodão propriedades nocivas: muitos cirurgiões o empregam hoje com vantagem.

O SULPHATO DE QUININO.— De uma curiosissima estatistica sobre o consumo do sulphato de quinino no universo, resulta que têm sido empregados por anno 100,000 kilogrammos desse producto, no valor de réis 20.000:000\$000 da nossa moeda.

Si se ajunectar o valor dos outros saes de quinino, teremos uma somma de réis 20.800:000\$000 despendida annualmente só com o primeiro.

OS CHAPÉUS ENVENENADORES.— Quando escolher chapéo, preferir sempre que a carneira seja escura ou branca.

A coloração das outras é obtida na maior parte das vezes por meio de cores de anilina, que são absorvidas pela pelle e cujo menor inconveniente é determinar violentas enxaquecas e empolas que custam a sarar.

DR. OX.

## HORAS DE OCIO

A affluencia de materia impediu que sahisse esta secção nos dois ultimos numeros. Agradecendo as amaveis leitoras que se dignaram mostrar interesse pela continuação d'estes divertimentos, reatamos o fio interrompido.

Apenas 16 decifrações dos problemas de 15 de junho vieram-nos ás mãos. Quasi todos estavam certos, quanto aos dois primeiros, porém não quanto ao terceiro, o que aliás não nos surpreendeu porquanto um erro de impressão deu causa a que sahisse o problema mal redigido. Sahe portanto outra vez o problema com dois novos

Decifração do enigma é

BONDAD E  
MALVADEZ

e o da Lexicologia.

JOSÉ BONIFACIO

18. Problema geometrico,

Dividi com tres traços de penna, em oito partes a superficie, comprehendida n'uma circumferencia.

19. Palavras em losango.

Formai com as letras seguintes um losango de palavras.

C C C C  
A A A A A A A A  
L L S S D D O O  
R R R R R

20. Problema arithmetico.

Traçai seis quantidades que possam ser escriptas cada uma com tres pausinhos e que sommadas produsam 144.

NEMO.

N. B. A correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a NEMO, no escriptorio da redacção deste jornal.

# LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

## AULAS PARA O SEXO FEMININO

### CHERCHEZ LA FEMME

**Q**UEM inventou esta phrase, como uma advertencia propria a devassar a origem de todos os crimes, era talvez um ruim magistrado, mas, com certeza, excellente philosopho. Como arma policial, a phrase não tem valor, ou pouco e restricto; mas aprofundai-a, e vereis tudo que ella abrange; vereis a vida inteira do homem.

Antes da sociedade, antes da familia, antes das artes e do conforto, antes das bellas rendas e sedas que constituem o sonho da leitora assidua d'este jornal, antes das valsas de Strauss, dos *Huguenotes*, de Petropolis, dos landaus e das luvas de pellica; antes, muito antes do primeiro esboço da civilisação, toda a civilisação estava em germen na mulher. N'esse tempo ainda não havia pai, mas já havia mãe. O pai era o varão adventicio, erradio e fero que se ia, sem curar da prole que deixava. A mãe ficava; guardava consigo o fructo do seu amor casual e momentaneo, filho de suas dores e cuidados; mantinha-lhe a vida. Não desvie a leitora os seus bellos olhos desse infante barbaro, rude e primitivo; é talvez o millionesimo avô d'aquelle que lhe fabricou agora o seu veu de Malines ou Bruxellas; ou — provavel conjectura! — é talvez o millionesimo avô de Meyerbeer, — a não ser que o seja do Sr. Gladstone ou da propria leitora.

Se quereis procurar a mulher, é preciso ir até lá, até esse tempo, *d'ogni luce mutto*, antes dos primeiros albores. Depois, regressai. Vinde, rio abaixo dos seculos, e onde quer que pareis, a mulher vos apparecerá, com o seu grande influxo, algumas vezes malefico, mas sempre irrecusavel; achal-a-eis na origem do homem e no fim d'elle; e se devemos aceitar a original theoria de um philosopho, ella é quem transmite a porção intellectual do homem.

Assim, amavel leitora, quando algum vier dizer-vos que a educação da mulher é uma grande necessidade social, não acrediteis que é a voz da adulcção, mas da verdade. O assumpto é de certo

**S**ÃO em tanta maneira manifestas, elevadissimas e sobre-excellentes as vantagens resultantes da instrucção da mulher, a mais bella porção do genero humano, a terra flôr graciosa que, como o céu contém a luz, o calor e a harmonia, encerra dentro em si os germens de tres existencias tão diversas na origem do amor e tão altamente sublimes na manifestação e nos fins, — FILHA, ESPOSA E MÃE, — que já hoje nenhum philantropo se recusará a fixal-a e cimental-a, nenhum espirito verdadeiramente digno deste grandioso seculo que vio desaparecer as terras e os mares diante da locomotiva e do barco a vapor, e o pensamento do homem reproduzido, n'um minuto sublime, por toda a vastissima extensão do universo; nenhum espirito verdadeiramente digno deste seculo deixará de applaudil-a, acoroçal-a, disseminal-a, como a natureza dissemina a Vida.

Pois que o seculo caminha para a Verdade, ergamos nós a Mulher para que ella possa vêr de que ponto do horisonte irrompe essa luz divina, cujo reflexo ha de allumiar a Familia, accrescentar a Patria e engrandecer a Humanidade. Sejamos da nossa idade e honremos a especie humana: melhoremos, eduquemos, façamos inda maior e mais bello o FEMININO ETERNO; e que a instrucção irradie n'uma esplendida e eterna aurora boreal nesse pólo mysterioso da vida humana.

Está na sciencia de toda a gente a grandeza e benemerencia da obra encetada ha annos pelo illustre commendador Francisco Joaquim Bithencourt da Silva com a fundação do Lyceu de Artes e Officios, que presentemente é um dos mais notaveis estabelecimentos de instrucção de toda a America, não só pelos innumeraveis beneficios que d'elle colhem as classes populares, como tambem por-

prestadio á declamação; mas a ideia é justa. Não vos queremos para reformadoras sociaes, evangelisadoras de theorias abstruzas, que mal entendeis, que em todo caso desdizem do vosso papel; mas entre isso e a ignorancia e a frivolidade, ha um abysmo: enchamos esse abysmo.

A companheira do homem precisa entender o homem. A graça da sociedade deve contribuir para ella mais do que com o influxo de suas qualidades tradicionaes. Emfim, é preciso que a mulher se descaptive de uma dependencia, que lhe é mortal, que não lhe deixa muita vez outra alternativa entre a miseria e a devassidão.

Vindo á nossa sociedade brasileira, urge dar á mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, — uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiaes e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiencia. Esta tem jus a que lhe deem os meios necessarios para a luta da vida social; e tal é a obra que ora emprehende uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na bocca de todos, e aliás vae indicada n'outra parte desta publicação.

A occasião é excellente para uns apanhados de estylo, uma exposição grave e longa do papel da mulher no futuro, para uma dissertação acerca do valor da mulher, como filha, esposa, mãe, irmã, enfermeira e mestra, tudo lardeado dos nomes de Ruth e Cornelia, Recamier e a marquez de Alorna. Não faltaria dizer que a mulher é a estrella que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras da *Estação* merecem o culto de todos os espiritos elegantes. Mas estas cousas subentendem-se, e não se dizem por ociosas. Baste-nos isto: educar a mulher é educar o proprio homem, a mãe completará o filho.

MACHADO DE ASSIS.

que representa a ferrea perseverança admiravel, o pujante labor, obscuro e despremiado, de um punhado de homens de boa vontade e magnanimos corações, que em paga de sua perenne dedicação não querem mais que os jubilos da propria consciencia.

Mas não está acabado o monumento; falta o fecho da abobada — as aulas para o sexo feminino, que serão inauguradas proximamente.

Corre ás senhoras brasileiras o dever natural de completar a obra e auxiliar em seus designios, cada uma na proporção das suas posses, os representantes da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

A *Estação*, o unico jornal exclusivamente dedicado ás senhoras que se publica no paiz, considera-se pois na gostosa obrigação de appellar para a generosidade das suas assignantes e leitoras em todo o Imperio, pedindo-lhes, em nome do seu proprio sexo, em nome da elevação moral da familia, um donativo, — as migalhas da vossa fortuna, abastadas; uma parte do vosso mealheiro, remediadas; e vós, pobres, não vos escuseis com a vossa pobreza; imitae o exemplo da mulher da parabola, que tambem era pobre e não deixou de dar.

Quinzenalmente, publicaremos em nossas columnas, n'um quadro de honra, os nomes das Exmas. Senhoras que corresponderem ao nosso appello e as quantias que se dignarem enviar-nos, para que deste modo se conheça a grandeza do coração feminino e a vasta abnegação das brasileiras.

Recebemos toda e qualquer quantia, em dinheiro, em vales postaes ou carta registrada; e nos dias 1 e 15 de cada mez entregaremos ao Sr Director do Lyceu de Artes e Officios a importancia que houvermos recebido durante a quinzena.

A empreza da *Estação* concorre com a quantia de Réis 20\$000.